

O processo de socialização: indivíduo, sociedade e cultura

2

Introdução

Ao estudarmos o primeiro capítulo deste caderno, vimos que o foco da Psicologia Social é estudar o comportamento de indivíduos no que ele é influenciado socialmente. Estudamos que nós nos tornamos sociais quando nascemos, ou até mesmo antes, devido nossas condições históricas. Mas como isso acontece?

Em todos os momentos da nossa vida, diante da nossa formação filogenética e ontogenética, somos influenciados pelos meios sociais. Então, não podemos dizer que o homem é um ser isolado. Somos seres individualizados e, ao mesmo tempo, coletivos, somos influenciados pela sociedade a partir das relações culturais. Por isso, estudar o processo de socialização, os agentes socializadores e a cultura e o conceito de identidade social é de fundamental importância para você compreender os problemas sociais que ocorrem atualmente na nossa sociedade.

Então, convido você a conhecer um pouco mais sobre nós mesmos! O propósito deste capítulo é levá-lo a compreender a relação indissociável entre indivíduo, sociedade e cultura; e a entender o que é identidade social, a partir do processo de socialização do indivíduo.

Para que você tenha um excelente êxito, especialmente neste capítulo, é preciso ter noção do que foi apresentado anteriormente, especificadamente o objeto de estudo da Psicologia Social, a partir de uma perspectiva histórico-social, visto que ela é uma ciência que se preocupa em estudar a interação social que envolve o pensamento que também é social. Caso ainda tenha dúvidas sobre esse assunto, sugerimos que retome aos nossos estudos do capítulo um, e que faça uma pesquisa na internet sobre esse assunto no sítio <www.psicologia.com.pt>. A compreensão desses conceitos é importante, pois neste estudo, começaremos a ampliar nossas discussões a respeito da temática e perceberemos que, desde que somos concebidos, interagimos movidos por uma inadiável necessidade humana. Para compreender o porquê dessa necessidade, deveremos estudar os agentes socializadores que contribuem para o nosso processo de socialização e formação da personalidade, bem o conceito de identidade social.

2.1 O indivíduo: ser social

Cada indivíduo, ao nascer, segundo Strey (2002, p. 59), "encontra-se num sistema social criado através de gerações já existentes e que é assimilado por

meio de inter-relações sociais”. O homem, desde seus primórdios, é considerado um ser de relações sociais, que incorpora normas, valores vigentes na família, em seus pares, na sociedade. Assim, a formação da personalidade do ser humano é decorrente, segundo Savoia (1989, p. 54), “de um processo de socialização, no qual intervêm fatores inatos e adquiridos”. Entende-se, por fatores inatos, aquilo que herdamos geneticamente dos nossos familiares, e os fatores adquiridos provém da natureza social e cultural.

Refleta

Lembre-se: personalidade é um somatório sincrético, resultante da ação dos fatores hereditários/genéticos (constituição física, caracteres morfológicos e físico-químicos) e dos ambientais (interação entre as pessoas e o mundo, que envolve os hábitos, valores, capacidades, aspirações, etc.), ou seja, diz respeito à “totalidade daquilo que somos” (PISANI, 1996, p. 14). Então, a nossa personalidade é reconhecida diante do papel que nós representamos, por meio das nossas ações. E as nossas condutas é produto de socialização.

O homem é um animal que depende de interação para receber afeto, cuidados e até mesmo para se manter vivo. Somos animais sociais, pois o fato de ouvir, tocar, sentir, ver o outro fazem parte da nossa natureza social. O ser humano precisa se relacionar com os outros por diversos motivos: por necessidade de se comunicar, de aprender, de ensinar, de dizer que ama o seu próximo, de exigir melhores condições de vida, bem como de melhorar o seu ambiente externo, de expressar seus desejos e vontades.

Essas relações que vão se efetivando entre indivíduos e indivíduos, indivíduos e grupos, grupos e grupos, indivíduo e organização, organização-organização, surgem por meio de necessidades específicas, identificadas por cada um, de acordo com seu interesse.



Vivemos em diversos grupos (familiares, de vizinho, de amigos, de trabalho) nos quais interagimos e crescemos. Os mais diversos grupos sociais influenciam na vida do indivíduo.

O indivíduo tem, para si, claras as características que o diferencia dos demais, como seus fatores biológicos, seu corpo físico, seus traços, sua *psiquê* que envolve emoções, sentimentos, volições, temperamento. Todavia, o indivíduo, como objeto de estudo da psicologia social e da sociologia, é considerado, segundo Ramos (2003, p. 238), da seguinte maneira:

indivíduo dentro dos seus padrões sociais, vive em sociedade, como membro do grupo, como “pessoa”, como “socius”. A própria consciência da sua individualidade, ele a adquire como membro

do grupo social, visto que é determinada pelas relações entre o “eu” e os “outros”, entre o grupo interno e o grupo externo.

Entende-se por grupos internos o grupo de família, da escola. São os grupos de igualdade de atitudes, de opiniões. Já os grupos externos correspondem a grupos no qual não pertencemos, como por exemplo, as famílias que passam nas ruas, que encontramos em clubes sociais e esportivos, etc.

Então, quando estudamos sobre o indivíduo, percebemos a forma como ele organiza o seu pensamento, seu comportamento. Assim, iremos concluir que essa construção e organização ocorrem, a partir do contato que tem com o outro. Por isso, temos a necessidade de estudar não só o indivíduo enquanto ser social, mas este influenciado por padrões culturais diante da sociedade em que vive, pois a cultura fornece regras específicas. Assim, para compreendermos o indivíduo e a sociedade, precisamos entender a cultura à qual pertencemos.

2.1.2 Cultura

O indivíduo, enquanto ser particular e social, desenvolve-se em um contexto multicultural, em que temos regras, padrões, crenças, valores, identidades muito diferenciadas. Assim, a cultura torna-se um processo de “intercâmbio” entre indivíduos, grupos e sociedades.

A partir do momento em que faz uso da linguagem, o indivíduo se encontra em um processo cultural, que, por meio de símbolos, reproduz o contexto cultural que vivencia. Strey (2002) aponta que o indivíduo tanto cria como mantém a sua cultura presente na sociedade. Cada sociedade humana tem a sua própria cultura, característica expressa e identificada pelo comportamento do indivíduo. Segundo Strey (2002, p. 58), “o homem é também um animal, mas um animal que difere dos outros por ser cultural”. Para ele, a **cultura** refere-se ao conjunto de hábitos, regras sociais, intuições, tipos de relacionamento interpessoal de um determinado grupo, aprendidos no contexto das atividades grupais.

Assim, não podemos considerar a cultura como algo isolado, mas como um conjunto, integrado de características comportamentais aprendidas. Essas características são manifestadas pelos sujeitos de uma sociedade e compartilhadas por todos. Com isso, a cultura refere-se ao modo de vida total de um grupo humano, compreendendo seus elementos naturais, não naturais e ideológicos. Segundo Ramos (2003, p. 265), “as culturas penetram o indivíduo [...] da mesma forma que as instituições sociais determinam estruturas psicológicas [...] o homem pensa e age dentro do seu ciclo de cultura”.

Partindo desses princípios, devemos considerar o indivíduo como sujeito ativo no contexto cultural. Ele tem a liberdade de tomar decisões, por meio de novas interpretações. Ele recebe a informação e constrói, criativa e coletivamente, um processo cultural voltado à época histórica atual que vivencia. Ele mesmo constrói suas regras, por meio das atividades coletivas, podendo alterá-las, da mesma forma que é afetado por elas. Podemos considerar a cultura como uma herança social, que é transmitida por ensinamento a cada nova geração.

Portanto, devemos conhecer a realidade cultural do indivíduo para compreender suas práticas, costumes, concepções e as transformações que ocorrem na sua vida. E é nessa realidade sociocultural que o indivíduo se socializa. Sua personalidade, suas atitudes, opiniões se formam a partir dessas relações sócio-culturais, em que controla e planeja suas próprias atividades.

Assim, Savoia (1989, p. 55) garante que “o processo de socialização consiste em uma aprendizagem social, através da qual aprendemos comportamentos sociais considerados adequados ou não e que motivam os membros da própria sociedade a nos elogiar ou a nos punir”. Daí a necessidade de estudarmos os agentes socializados do processo de socialização. Veja!

2.2 Agentes socializadores do processo de socialização

Bom! Vimos que nós fazemos parte de diversos grupos sociais e que é por meio desses grupos que o nosso processo de socialização ocorre. Temos, então, como agentes socializadores, de acordo com Savoia (1989), três grupos: a família, a escola (agentes básicos) e os meios de comunicação em massa.

O primeiro contato que o ser humano tem, ao nascer, é a família: primeiramente, com a mãe, por meio dos cuidados físicos e afetivos, e, paralelamente, com o pai e os irmãos, que transmitem atitudes, crenças e valores que influenciarão no seu desenvolvimento psicossocial. Num segundo momento, tem a interferência da escola. Geralmente, nessa fase, o indivíduo já traz consigo referências de comportamentos, de orientação pessoal básica, devido ao contato inicial com a família.

Já os meios de comunicação em massa são considerados como agente socializador, diante das inovações tecnológicas na atualidade histórica, porém nem sempre eles têm consciência do seu papel no processo de socialização e na formação da personalidade do indivíduo. Na família e na escola, existe uma relação didática e, com a TV, a relação é diferente, visto que a comunicação é direta e impessoal (SAVOIA, 1989).

O processo de socialização ocorre durante toda a vida do indivíduo (SAVOIA, 1989); por isso, esse processo é dividido em etapas:

- **socialização primária:** ocorre na infância com os agentes socializadores citados anteriormente, que exercem uma influência significativa na formação da personalidade social;

- **socialização secundária:** ocorre na idade adulta. Geralmente, nessa etapa, o indivíduo já se encontra com sua personalidade relativamente formada, o que caracteriza certa estabilidade de comportamento. Isso faz com que a ação dos agentes seja mais superficial, mas abalos estruturais podem ocorrer, gerando crises pessoais mais ou menos intensas. Nesse momento, surgem outros grupos que se tornam agentes socializadores, como grupo do trabalho;
- **socialização terciária:** ocorre na velhice. Pela própria fase de vida, o indivíduo pode sofrer crises pessoais, haja vista que o mundo social do idoso muitas vezes se torna restrito (deixa de pertencer a alguns grupos sociais) e monótono. Nessa fase, o indivíduo pode sofrer uma dessocialização, em decorrência das alterações que ocorrem, em relação a critérios e valores. E, concomitantemente, o indivíduo, nesta fase, começa um novo processo de aprendizagem social para as possíveis adaptações a nova fase da vida, o que implica em uma ressocialização.

Todo esse processo de socialização que os seres humanos vivenciam está ligado à cultura do indivíduo, como também a uma estruturação de comportamentos, à medida que aprendemos e os internalizamos. Essa estruturação e atribuição de significados ocorrem por meio da interação com os outros. Isso faz com que criemos expectativas sobre esses comportamentos diante do grupo social, desenvolvendo papéis sociais, pois o processo de socialização pode ser visto também como um processo pelo qual cada indivíduo configura seu conjunto de papéis.

2.2.1 Papéis sociais

Ao nascer, já temos alguns papéis prescritos como idade, sexo ou posição familiar. À medida que adquirimos novas experiências, ampliando nossas relações, vamos nos transformando, adquirindo outros papéis que são definidos pela sociedade e cultura (SAVOIA, 1989). Em cada grupo no qual relacionamos, deparamo-nos com normas que conduzem as relações entre as pessoas, algumas são mais sutis, outras mais rígidas. São essas normas que caracterizam essencialmente os papéis sociais e que produzem as relações sociais (LANE, 2006).

Refleta

Quais são os papéis que você adquiriu ao longo da sua história de vida? Você é a mesma pessoa de quando nasceu? Fazer uma retrospectiva da sua história pode ajudar a você a elucidar essas questões, além de reconhecer sua trajetória de vida, suas experiências que foram importantes no seu processo de socialização e formação da personalidade. Perceberá que, ao longo do tempo, adquiriu vários papéis sociais, com novas responsabilidades também sociais, como por exemplo: os papéis profissionais, os papéis de estudante.

Entende-se que os papéis que adquirimos nas nossas experiências e relações vão designar o modelo de comportamento que caracteriza nosso lugar na sociedade. Esses papéis podem ser objetivos ou subjetivos. Em relação a isso, Savoia (1989, p. 57) assevera que

Outro aspecto do papel social é que ele pode ser objetivo – aquilo que os outros esperam de nós, ou subjetivo -, como cada indivíduo assume os papéis de modo mais ou menos fiel aos modelos vigentes na sociedade. Quando esses dois aspectos não coincidem, podem transformar-se em obstáculo na interação social.

Isso significa que a objetividade e a subjetividade configuram-se como um processo dialético de desenvolvimento da configuração social, dinâmico, e está em constante interação na vida do indivíduo, como ser histórico, capaz de promover transformações sociais, visto que o desempenho do papel nunca é solitário.

Porque desempenhamos vários papéis sociais (de filha(o), pai ou mãe, patrão ou empregado), estes podem se cruzar por meio de uma situação divergente gerando conflito de papéis. Essas incompatibilidades podem ocorrer por diferentes motivos, como, por exemplo, o conflito de valores, que Pisani (1996, p. 140) cita: “um cientista pode perceber que seus valores religiosos não se coadunam com a experiência de laboratório que precisa desenvolver”. O que se percebe é que o conflito de papéis pode variar quanto à intensidade, diante da importância que se dá a cada papel de conflito, o que pode provocar perturbações na pessoa.

Além disso, dependendo do papel que o indivíduo exerce, ele adquire um lugar na sociedade que é denominado de status, que, juntamente com os papéis sociais, determinam sua posição social (PISANI, 1996). Então, papel é o comportamento, a ação, enquanto que o status é o prestígio que se adquire. Savoia (1989, p. 60) afirma que “o papel é o comportamento que os outros esperam de nós e o status é o que acreditamos ser”. Nesse sentido, os papéis que desempenhamos e os status que acreditamos ter, diante da sociedade, explicam nossa individualidade, nossa identidade social e consciência de-si-mesmo que adquirimos, a partir das nossas relações sociais. Assunto esse que abordaremos a seguir.

2.3 Identidade social e consciência de si mesmo

Se alguém perguntar a você sobre quem é você, o que responderia? E se perguntassem sobre a sua identidade, como a definiria?

Procure responder esses questionamentos, antes de dar continuidade a leitura do capítulo. E aí? Parou para pensar?

Agora pergunto: já nascemos com a nossa identidade definida?

Se procurar responder esses questionamentos, você perceberá que não é tão simples respondê-los. Existem vários



fatores que precisamos discutir e conhecer. Então, vamos mergulhar nessas páginas que nos ajudarão não somente a compreender os outros, mas a nós mesmos. Vamos lá!

Dar a resposta de “quem sou eu” é fazer uma representação da nossa identidade. Mas é preciso analisar como se dá esse processo. Muitas vezes, tendenciamos responder a esse questionamento, falando das nossas características físicas, sexo, características da personalidade, signo, idade, profissão, etc. Então, para entendermos esse processo de auto-conhecimento, a psicologia construiu o conceito de identidade, que para Sawaia (2006, p. 121) tem “valor fundamental da modernidade e é tema recorrente nas análises dos problemas sociais”.

Quando pensamos em conceito de identidade, logo pensamos em imagens, representações, conceito de si mesmo, como se o indivíduo se reconhecesse identificando traços, imagens, sentimentos, como parte dele mesmo. Mas esse conceito é produzido a partir das relações que mantemos com os outros (LANE, 2006).

A partir do momento em que reconheço o outro, reconheço a mim mesmo como um ser único particular. Essa diferenciação geralmente ocorre com a mãe, que é o primeiro “outro” com quem temos contato. Nesse momento, por meio das relações, começamos a construir nossa identidade. E, à medida que adquirimos novas experiências ampliando nossas relações sociais, vamos nos transformando, adquirindo novos papéis.

Então a identidade é algo mutável em permanente transformação. É um processo que se dá desde o nascimento do ser humano até sua morte. Por isso, podemos dizer que a nossa identidade está em constante mudança. Lane (2006, p. 22) enfatiza que “apenas quando formos capazes de [...] encontrar razões históricas da nossa sociedade e do nosso grupo social que explicam por que agimos hoje da forma como o fazemos é que estaremos desenvolvendo a consciência de nós mesmos”. Isso nos faz entender que a consciência de si pode alterar a identidade social, na medida em que interrogamos os papéis que desempenhamos e suas funções históricas (LANE, 2006). Essa consciência é reconhecer quem sou eu enquanto indivíduo, enquanto integrante de um grupo social, a partir das relações do meu ser social. Isso só será possível, a partir do momento em que tenho o “outro” como referência. Sawaia (2006) afirma que essa consciência não pode ser consciência “em si”, mas para si e para o outro.

E Myers (2000) reafirma isso, quando diz que o autoconceito que o indivíduo adquire de si mesmo decorre das experiências sociais vivenciadas, que influem no papel que ele desempenha nos julgamentos sobre si e sobre outras pessoas e as diversidades culturais. Nesse sentido, percebemos que a construção da nossa identidade se dá por meio das relações sociais, dos papéis que desenvolvemos.

Saiba mais

Para aprofundar um pouco mais a respeito dessa temática, acesse o endereço online: <<http://www2.uel.br/ccb/psicologia/revista/textov2n13.htm>> e leia o artigo: Identidades: questões conceituais e contextuais. Esse artigo traz um diálogo teórico realizado por uma discente do curso de Psicologia e uma docente do Departamento de Psicologia Social e Institucional da Universidade Estadual de Londrina, promovendo uma discussão a respeito da concepção da identidade ao longo da história, como uma construção social.

O indivíduo constrói a sua história, como um ser individualizado e, ao mesmo tempo, social. Esse processo de transformação pode trazer angústia, dúvidas o que pode gerar uma crise de identidade, diante da contradição que o indivíduo vive, entre a necessidade de se padronizar para ser aceito em um grupo e a necessidade de se destacar como único (SAWAIA, 2006). Essa crise é geralmente percebida na transição da infância para a adolescência, em que o indivíduo passa por diversas transformações tanto físicas, como psicológicas e sociais. Mas isso pode ser superado a partir da tomada de consciência e das relações que mantém com o outro.

A objetividade e subjetividade são fundamentais para o processo de construção da nossa identidade. A experiência humana se objetiva na realidade criando singularidades (hábitos, tradição) e as instituições são subjetivadas, por meio da introjeção pela socialização.

A psicologia social crítica busca a compreensão da relação individual – social, por meio dessa interação indivíduo/sociedade, visto que a identidade do indivíduo se dá por meio dessa relação, considerando o indivíduo com a sua história particular como um ser de transformações.

A atividade do indivíduo é a sua realização concreta, e a expressão da sua subjetividade diante da definição papéis exercidos por ele. Ela é subjetiva (envolve afeto de um eu individual) e objetiva (contato com o mundo exterior). Nesse processo o indivíduo constrói o seu mundo, da mesma forma que constrói a si mesmo, sua identidade, suas relações, suas experiências vivenciadas.

Para finalizar este capítulo, é importante que você tenha compreendido que nós construímos o nosso “eu”, a partir do contexto social e cultural e que nós somos formados pelo processo de aprendizagem e de socialização, pela consciência coletiva. O jeito como você se expressa, comunica, anda reflete o contexto social que vive ou que viveu. As interações sociais que estabelecemos são denominadas pela cultura existente. Então, podemos compreender que, por meio do estudo do processo de socialização, poderemos entender os fenômenos psicossociais do indivíduo e da cultura presente na sua história. Mas, também temos que lembrar

que os padrões comportamentais e as normas geralmente não se aplicam a todos os sujeitos de uma mesma sociedade. Essas diferenciações estão vinculadas ao sexo, à idade, às características individuais, às necessidades de cada indivíduo, aos sub-grupos internos em toda sociedade. Cada cultura registra o indivíduo, com a sua marca. Isso o influencia na estruturação da sua personalidade que é decorrente de uma combinação orgânica, dos padrões de sua cultura e de suas experiências individuais em contato com o mundo físico e social, como também influencia na sua identidade social. Contudo, o indivíduo é um ser único, possuidor da sua individualidade, porém, modelado pela cultura, pela sociedade que vive.

Bom, você já conhece como o indivíduo se socializa, mas não podemos parar por aí. Temos muito, ainda, a saber sobre a influência do ambiente social sobre os nossos comportamentos e atitudes. Então, no próximo capítulo, estudaremos o quanto o ambiente social é importante no nosso processo de aprendizagem e de socialização, visto que essas influências podem ser favoráveis ou desfavoráveis para o desenvolvimento humano. Até lá!

Resumo

Vimos, neste capítulo, que o ser humano, na verdade, é fruto das relações sociais. Ao mesmo tempo em que ele é individual, é também coletivo, pois vive em um processo constante de transformação, desde o nascimento até sua morte, por meio de interações grupais (família, vizinho, trabalho), sendo influenciados por padrões culturais. A cultura fornece regras, padrões, crenças, etc., que são aprendidas no contexto das atividades grupais. Então, é a partir dessa realidade sócio-histórica que nos socializamos. Por isso, também estudamos os agentes socializadores do processo de socialização que são: família, a escola e os meios de comunicação em massa. E à medida que nos socializamos, que ampliamos nossas relações, vamos também adquirindo novos papéis sociais e status que determinam nossa posição social na sociedade. A partir da compreensão desses fenômenos sociais, temos condições de explicar por que somos do jeito que somos e entender a nossa identidade social. Mas vimos que tudo isso depende da capacidade de termos consciência de si-mesmo, que também adquirimos, a partir das relações sociais e dos papéis que desenvolvemos.

Atividades

1. Comente a frase a seguir, com argumentos teóricos, a partir do que foi estudado no capítulo 1 desta apostila.

“O indivíduo é um ser inseparável da sua cultura e da sociedade em que vive”.

Lembre-se: escreva sua resposta e socialize com os colegas; por meio da web-interatividade compartilhe suas considerações com os professores da disciplina.

2. Analise as afirmativas que seguem, relativas aos agentes socializadores do processo de socialização.
- I. O processo de socialização ocorre até a fase adulta.
 - II. Os agentes socializadores são: a família, a escola e os meios de comunicação em massa.
 - III. Os agentes socializadores que mais exercem influência na formação da personalidade social são os agentes básicos.
 - IV. Os meios de comunicação de massa têm medida do alcance do seu papel no processo de socialização e na formação da personalidade do indivíduo.

Estão corretas, apenas, as afirmativas

- | | |
|-----------|-------------|
| a) I e II | c) II e III |
| b) I e IV | d) III e IV |
3. Analise as afirmações a seguir.

Os papéis sociais que o indivíduo desempenha e os status que ele acredita ter diante da sociedade explicam a individualidade do indivíduo, a sua identidade e a consciência de si mesmo.

PORQUE

Os papéis que o indivíduo adquire nas suas experiências e nas relações vão designar o modelo de comportamento que caracteriza o seu lugar na sociedade juntamente com os status que ele também adquire e que determina sua posição social.

A esse respeito, é possível concluir que

- a) as duas afirmações são verdadeiras, e a segunda justifica a primeira.
 - b) as duas afirmações são verdadeiras, e a segunda não justifica a primeira.
 - c) a primeira afirmação é verdadeira, e a segunda é falsa.
 - d) a primeira afirmação é falsa, e a segunda é verdadeira.
4. A psicologia construiu o conceito de identidade que tem valor fundamental da modernidade e é tema recorrente nas análises dos problemas sociais, pois a identidade é
- a) algo imutável, mas importante para a compreensão dos comportamentos humanos.
 - b) um processo isolado das ações coletivas que o indivíduo mantém com o meio em que vive.

- c) um processo que se dá desde o nascimento até por volta dos 10 anos de idade, quando a personalidade está totalmente estruturada.
- d) um processo que está em permanente transformação e que contribui para o reconhecimento do eu enquanto indivíduo e enquanto integrante de um grupo social, a partir das relações sociais.

Comentário das atividades

Ao realizar a **atividade 1**, por certo você argumentou sobre a relação indissociável entre indivíduo, sociedade e cultura, e sobre como somos seres ao mesmo tempo individualizados e sociais; que o homem é um animal que depende de interação para receber afeto, cuidados, até mesmo para se manter vivo; que somos, do nascimento à morte, influenciados pela sociedade, pela cultura; entre outras coisas.

Já na **atividade 2**, se você assinalou a alternativa **(c)** compreendeu o processo de socialização que ocorre durante a vida do indivíduo, pois concluiu que estão corretas as afirmativas II e III: os agentes socializadores são a família, a escola e os meios de comunicação de massa, sendo que estes meios de comunicação, considerados agente socializador diante das inovações tecnológicas, não têm a medida do alcance de sua influência no processo de socialização e na formação da personalidade social do indivíduo, uma vez que a comunicação é direta e impessoal, enquanto que na família e na escola geralmente há uma relação didática, por isso podem exercer maior influência na formação da personalidade social.

Na **atividade 3**, se você assinalou a alternativa **(a)** acertou e compreendeu a importância dos papéis sociais e dos status que são fundamentais para reconhecermos nossa identidade social. Adquirimos nossos papéis sociais à medida que nos relacionamos com os outros e ampliamos nossos contatos. Com isso, ganhamos status na sociedade que determina nosso lugar, nossa posição. Tudo isso nos ajuda a compreender nossa individualidade, nossa identidade e possibilita a tomada de consciência de nós mesmos. Por isso, as duas afirmações são verdadeiras e a segunda justifica a primeira, o que torna as alternativas **(b)**, **(c)** e **(d)** incorretas.

Com relação à **atividade 4**, esperamos que você tenha assinalado a alternativa **(d)**, o que demonstra que você compreendeu a identidade social a partir do processo de socialização do indivíduo. Certamente você considerou que o processo identitário é algo mutável de permanente transformação; que a identidade é um processo social que se dá por meio de interações sociais que mantemos com as outras pessoas e ocorre desde o nascimento do indivíduo até sua morte. Em vista disso, estão incorretas as alternativas **(a)**, **(b)** e **(c)**.

